

O time de
OPINIÃO
está na
página 4

GAZETA MERCANTIL

Primeira
reação:
os juros
caem

Previsões
(refeitas)
do Morgan

Mongeral
perde
e faz
queixa

O poder
de decisão
na Nuclen

Páginas
apreendidas

Polícia foi à gráfica e
levou na marra duas pági-
nas do jornal. A "Gazeta"
mandou refazê-las e aca-
bou circulando normalmen-
te. Saiba porque o gover-
no quis impedir a "Gazeta
Mercantil" de circular na
última quarta-feira, dia 22.
Pág. 3

EM TEMPO:

SEMANÁRIO NACIONAL - ANO II - N.º 78 - Cr\$ 20,00 - 23 A 29 DE AGOSTO DE 1979



Edson Khair



Cleodon Silva



J. C. Brum Torres



Alberto Duarte

Ditadura anistia torturadores e declara guerra aos trabalhadores

VERGONHA NACIONAL

A aprovação da anistia restrita de João ditador, que só é irrestrita para os torturadores a soldo da ditadura. E a declaração de guerra aberta contra os trabalhadores, com o assassinato de mais um operário em Minas Gerais, sequestros, prisões, processos, intervenções sindicais e afastamento de lideranças. Entenda o porquê desses fatos e veja como as greves continuam a crescer nesta semana.

Págs. 6, 7 e 9

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA
DA ESQUERDA BRASILEIRA
1960 - 1979



O Partido Comunista antes do golpe de 64

Página 9



Benedito, mais um morto pela polícia mineira

Cultura

Imprensa: Mino Carta fala do novo diário nacional "Jornal da República".

E a Salada Mista, uma seção contra a seriedade.

Professores cassados voltam às aulas.

Página 10

Líbano

Dirigente do Partido Comunista

libanês fala com exclusividade ao EM TEMPO,

numa entrevista feita em Cuba.

Página 11

PT e PP em debate

No "Encontro de São Paulo", realizado no último fim de semana, mais de 400 lideranças políticas, sindicais e intelectuais debateram a reorganização partidária, dando continuidade às discussões do "Encontro de São Bernardo" e outros. As propostas de Partido dos Trabalhadores (PT) e de Partido Popular (PP) foram o centro dos debates.

Página 5

Mulheres

A situação dos movimentos feministas no Brasil está na página 12. Depoimentos de "Nós Mulheres",

Associação das Mulheres Paulistas,

Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro e do Movimento da

Mulher pela Liberação, (de Porto Alegre)

Mais mulher na página 8.



E mais:

- ★ Luta operária na Zona Leste de São Paulo
- ★ A mais completa cobertura sindical do País

O Mobral em apuros

A notícia de que o número de analfabetos no Brasil havia aumentado — divulgada não faz muito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — deixou o Mobral em má situação. Afinal, o Movimento Brasileiro pela Alfabetização fora criado, na rota milagreira, para resolver de vez o problema do analfabetismo. Pelo menos na retórica — porque o objetivo mesmo era a formação barata, e sem maiores complicações ideológicas ou de consciência, de mão-de-obra capaz de entender um bilhete com explicações de trabalho, de assinar o nome, e de engordar estatísticas. O último dano, embora não único, era de capital importância — pois o mais importante no chamado "milagre" sempre foi a retórica de que um regime infalível ("irreversível") havia chegado. Quando nem isso é possível sustentar, urge medidas para remediar a situação.

Ao que parece, o Mobral tentou tomar algumas. E convocou, no mês de julho passado, uma reunião de

linguistas brasileiros, para examinar as medidas e dar o imprimatur potest da razão científica nessas medidas. Entretanto muitos desses cientistas, que nos anos da euforia nunca foram chamados para opinar sobre o assunto — e deveriam ter sido chamados, já que são especialistas na matéria — sacaram o negócio. O que o MOBREAL pretendia era rebaixar o nível de exigência para uma pessoa ser declarada como alfabetizada e assim rearranjar as estatísticas — de tal modo que daqui a alguns anos se pudesse declarar o analfabetismo erradicado no Brasil. Felizmente, a maioria dos cientistas da linguagem presentes ao encontro acabou por se recusar a coonestar tal manobra, deixando o Mobral entregue a seus problemas estatísticos.

Enquanto isso a rede escolar oficial cai aos pedaços, os professores fazem greve em toda parte graças ao salário de fome que recebem. Mas, é claro, o país vai bem. O povo, esse mal agradecido, é que insiste em passar mal.

Fome de liberdade

O deputado arenista, que por sinal é líder de seu partido na Câmara (um defeito a mais, portanto), Nelson Marchezan — na questão da greve de fome dos presos políticos — acha que o negócio é alimentar os grevistas na marra. Pô, Marchezan, tem muitos milhões de brasileiros passando fome e sua turma (os capitalistas) nunca pensou em pagar um salário decente para eles se alimentarem. Não vá querer ser contra a fome em cima dos grevistas, eles sabem o que fazem e estão presos justamente por lutarem contra o regime que você representa, que impõe a fome involuntária aos trabalhadores.

Se não fosse por esse regime militar, nem haveria presos para fazerem greve de fome e talvez nem houvesse a fome espalhada pelo país todo. Tome jeito, renuncie e pare de falar besteiras que é o melhor que pode fazer. (RVN)

convites

Carestia

O próximo dia 26, domingo, é Dia Nacional de Protesto contra a carestia e a alta do custo de vida. Nesse dia deverão acontecer manifestações públicas em diversas capitais e principais cidades do País.

O Dia Nacional de Protesto está sendo organizado pelo Movimento Contra a Carestia e em São Paulo vai acontecer um Ato Público, às 15 horas, na Praça da Sé. Em Porto Alegre o Ato Público será no Parque Farrópilha.

Músicos

Na próxima segunda-feira, dia 27, vai ser realizada a assembleia de fundação da Associação Profissional dos Músicos da Bahia. A assembleia vai acontecer às 19 horas na Biblioteca Central-Barris.

A Comissão Pró-Associação dos Músicos, que está organizando a assembleia, defende a necessidade da entidade como um "canal de expressão e participação, mobilização e elevação do nível de consciência dos músicos, que se organizam para defender os seus direitos e afirmar os seus legítimos valores e aspirações".

Eleições

Dia 26, das 9 às 17 horas, no plenário da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, serão realizadas as eleições para o Diretoria Metropolitana do MDB de Porto Alegre. A Tendência Socialista do MDB RS conclama a todos os opositores a comparecerem às eleições para apoiar a chapa que tem por eixo programático a Organização Independente dos Trabalhadores.

Greve

José Ibrahim discute na próxima segunda-feira, dia 27, os "11 anos da greve de Osasco", com a participação de membros das oposições sindicais. O debate vai ser no TUCA (Rua Monte Alegre, 1024), em São Paulo e começa às 20:30 horas. É uma promoção do grupo Opinião.

Governo tenta impedir jornal de circular

Agentes da Polícia Federal apreenderam as páginas 1 e 10 (ainda no pastup) da "Gazeta Mercantil" da última quarta-feira, dia 22, dentro da seção gráfica da S.A. O Estado de S. Paulo.

A direção da "Gazeta", contudo, não se amedrontou e mandou refazer as duas páginas surrupiadas, dentro da gráfica, pelos agentes do regime. O jornal saiu normalmente, apenas com algumas horas de atraso.

Até agora o governo Figueiredista ainda não ousa mandar apreender nenhum órgão de imprensa. O último jornal a sofrer tal arbitrariedade foi o nosso, no findar do governo Gelsel, praticamente na última medida do então ministro da Justiça, Armando Falcão.

A razão para a tentativa de suspensão da circulação da "Gazeta Mercantil" de quarta-feira foi a publicação da matéria "O poder

de decisão da Nuclen" sobre o acordo nuclear Brasil-Alemanha.

Na matéria publicada com destaque no jornal do sr. Herbert Levy fica claro que, "em contrapartida ao aporte tecnológico dos alemães", a empresa alemã Kraftwerk Union (KWU) "detem o controle efetivo da subsidiária da Nuclenbras".

"Esse controle — diz a matéria — é assegurado, entre outras coisas, pelo fato de que as decisões mais importantes terão sempre de ser adotadas por unanimidade tanto na diretoria como no Conselho de Administração e na assembleia-geral".

Outro dispositivo que consta do acordo de acionistas firmado entre a Nuclenbras e a KWU a 17 de dezembro de 1975, "como um dos instrumentos complementares do acordo nuclear Brasil-Alemanha, de 1975", deixa claro que a Comissão Técnica da Nuclen dará sempre a "última palavra em todas as decisões de caráter técnico, prevalecendo o seu ponto de vista até mesmo quando houver divergência em relação à diretoria da Nuclen".

Acontece que, ainda segundo a matéria da "Gazeta Mercantil", a empresa alemã tem o controle da Comissão Técnica da Nuclen. Pois é assim. O casuismo é tudo. Como esse governo que soma, divide e multiplica como se não houvesse cento e tantos milhões de habitantes neste país, Janete Clair faz dos personagens, não personagens de comércio, simplesmente. Faz personagens ociosos, capazes de absorver idéias comerciais, capazes de serem preenchidos com o que está na moda. Assim, o que nunca foi acaba sendo. A novela termina — casuisticamente (friso: como está na moda) — como se Karina tivesse em algum momento lutado por "algo". Janete Clair é o espaço cultural que esse governo abriu aos mascates da cultura. Espaço de alienação, espaço de comércio com os valores justos que despontam na sociedade moderna e que ainda em forma de mudar são bafejados pelo vento putrefato dessa ditadura. Roberto Carlos, Janete Clair e tutti quanti... Quando poderemos dizer em paz: Requiescat in Pace.

Fora (!) cultura da corrupção, lixo, lepra, veneno... (Francisco Paulo Cipolla)

O feminismo do Pai-Herói

No último capítulo da novela "Pai Herói", da Rede Globo, a Karina (é com "K") me sai com essa: "A mulher luta, luta e acaba escrava do homem que ama". Tudo como se sua biografia compusesse uma árdua luta pela libertação da mulher. E claro, não é nada disso! Tendo acompanhado ao acaso a novela sei que não se trata de nenhuma feminista perdurando a chuteira. O fato é que Janete Clair é boa comerciante. Sabe os valores que estão na moda. E por isso tempera o último capítulo com uma pitada "social".

Não vamos discutir com os mascates (eles são tantos e tão fortes). Eles sabem o que fazem! O único ponto que cabe discutir é o casuismo da coisa. Sem ter discutido em nenhum momento esse aspecto do problema, tendo construído uma personagem de fim de mês, chata de galocha, bailarina, etc., etc. e tal, acaba finalizando a novela como se Karina sintetizasse a mulher que luta, que busca a liberdade por entre as garras do homem (... seria esse o feminismo se houvesse al-

O Figueiredo e a mula

Ao contrário das pessoas que lutaram contra o regime, há gente que praticou muita violência e que está solto e ganhando grana por aí. Não é preciso citar nem os tradicionais exemplos de torturadores e assassinos de presos políticos, vejamos o exemplo do sargento Arthur de Oliveira, de Cascavel (PR), que está sendo acusado pelo assassinato de um jornalista.

Athur de Oliveira é mais conhecido como "Coice de Mula", o que já dá pra imaginar o tratamento que ele dá às suas vítimas. No seu passado de policial, constam torturas, prisões ilegais (os tradicionais sequestros que não dão cadeia), tráfico de drogas, abusos sexuais e outros baratos (para os do lado do governo, tudo isso é um barato). Mas, o Coice de Mula nunca foi preso, nem quando quebrou — a porradas — quatro toneladas de um enfermeiro sequestrado por ele (na linguagem tradicional, "preso ilegalmente") e ainda o deixou cinco dias sem comida e sem água, porque o irmão da vítima andou dando cheques sem fundos.

Os perigosos demais para a nação, que o governo não quis anistiar, são justamente as vítimas dos "coices de mula". Está explicado porque o Figueiredo gosta de chelo de cavalo. — (OF)

nota

Quando a Sucursal de Belo Horizonte do jornal "Em Tempo" realizou o Seminário sobre Partidos Políticos, anunciou que seria concedido certificado aos seus participantes. No entanto, no atentado do CCC sofrido recentemente por aquela sucursal foram destruídas todas as fichas de controle dos inscritos. Dessa forma, nos desculpamos e comunicamos a impossibilidade de manter o anunciado. A DIRETORIA

Lembrando

Mais um operário foi morto pela polícia em Minas. Seus assassinos continuarão livres e talvez matando outros operários, como estão livres os assassinos do operário Orocílio em Belo Horizonte mesmo, de Wladimir Herzog, do deputado Rubens Paiva, do operário paulista Manoel Fiel Filho e muitos outros. (RVN)

O gordinho planejou mal

O Delfim Neto começou dando fora, no Ministério do Planejamento. Convidou "extra-oficialmente" o físico José Goldemberg para o cargo de presidente do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Acontece que o Goldemberg já cansou de condenar o Acordo Nuclear e apontar irregularidades na construção das usinas nucleares de Angra dos Reis e por isso mesmo a Nuclenbras pressionou Delfim para que ele voltasse atrás no seu convite. E acontece também que o Goldemberg não é muito dado a apoiar ditaduras, especialmente a brasileira e por isso mesmo seu nome foi vetado pelos "órgãos de segurança".

Concluindo: Delfim, discretamente, retirou seu convite. O homem dos números começou bem no seu planejamento.

Dá-lhe Maluf

O governador-trombadinha de São Paulo, Paulo Maluf, deu uma clara demonstração da abertura que ele quer. No último dia 9, concedeu através de decreto uma área de apenas 1,596 metros quadrados para a ampliação do DOI-CODI do II Exército. Essa área vai ser cedida pela Secretaria da Fazenda de São Paulo para ampliação do DOI-CODI paulista, o maior centro de torturas do país, onde foram assassinados Wladimir Herzog e Manoel Fiel Filho.

E esse o espírito de abertura do regime, o qual o Maluf está bem afinado: concede uma anistia restrita, mesquinha e nojenta, e amplia irrestritamente seus aparelhos de tortura.



Os expurgos na UFRGS

Dentro da programação nacional aprovada pelo Encontro das Associações de Docentes, realizado durante a última reunião da SBPC — Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência — a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — ADUFRGS — promoveu no último dia 20, segunda-feira, um encontro com a imprensa de Porto Alegre onde foi feito o pré-lançamento do "livro negro" da UFRGS, marcando assim o Dia Nacional de Luta pela reintegração de todos os atingidos por atos de exceção na Universidade de Brasília.

Na terça-feira, uma caminhada pelas ruas centrais de Porto Alegre, liderada pelo Centro Brasil Democrático, tendo à frente

A tônica da semana esteve dividida entre, de um lado, a ofensiva da repressão sobre os movimentos grevistas combinada com a definição da nova política econômica expansionista sob comando de Delfim Neto (pág. 6) e, de outro lado, o desfecho da luta pela anistia com o governo acelerando a votação do seu projeto na tentativa de evitar o aprofundamento do desgaste decorrente da mobilização popular pela anistia ampla, geral e irrestrita (pág. 9).

A mão estendida vazia

Em meio ao aguçamento da crise econômica e social, o governo, na semana passada, através de parlamentares arenistas credenciados, soltou o balão de ensaio de um convite aos emedebistas para "entendimentos de alto nível" com vistas a uma ação conjunta "para garantir o processo de abertura". Os moderados do MDB morderam a isca e o senador Tancredo Neves, da oposição mineira, juntamente com deputados sob sua liderança, partiram afobitos para as conversas. Petrônio Portela, o ministro da Justiça e o governador baiano Antônio Carlos Magalhães, alimentaram as ilusões e até mesmo o liberal senador Paulo Brossard engrossou o coro da conciliação nacional.

Mas qual nada, já no fim da semana, o governo desmentia suas propostas dizendo que simplesmente se dispunha a conversar. Nada de acordos, o que seria "desmoralizante, perante a opinião pública".

Diagnosticando o fato como manobra diversionista, o colonista Carlos Castello Branco, no começo desta semana concluiu: o MDB quer, mas de mãos vazias boa vontade não basta.

"Socialismo é palavrório"

Delfim Neto assumiu o comando da política econômica se definindo em entrevista à revista VEJA como "um liberal, assim como todo intelectual" — vejam só! E mais: "li muito na Europa, mas o que há de grave no socialismo é sua ineficácia: ele é o palavrório; em todo caso estas leituras não alteraram minhas convicções". De fato, falando sobre o Lula o ministro disse: "ele está fazendo o papel dele, tem de defender os interesses da classe que representa — como o meu papel é representar o meu papel" (quase que Delfim se trai...).

Mas, filosofias à parte, o que fica até agora é a promessa de crescer a economia anunciada na posse: "senhores, preparem seus arados e suas máquinas; vamos crescer". De resto, planos claros ainda não há. Delfim promete salários com correção semestral, garante que a energia não trará problemas, que a inflação baixará para 20% e que a dívida externa não tem limites. Mas como? Isto ele ainda não disse.

Também na oposição

Estranho contudo é que enquanto os ministros burgueses não dispõem de um diagnóstico e uma solução clara para a crise econômica, vários são os economistas da oposição que se apresentam como mais sábios, criativos e capazes de uma proposta para gerir a crise do sistema. Como se a crise fosse uma questão de competência.

Na própria revista VEJA, em entrevista, o professor da UNICAMP, João Manoel Cardoso de Melo — que há poucos dias no encontro sindicalista de Gragoatá expunha suas idéias aos trabalhadores — mostra seu plano: ocupar a capacidade ociosa nas indústrias, reforma financeira para baixar os juros, controle de preços eficaz através do CIP, e preços mínimos para a agricultura. Como? "Creio na importância de uma ampla negociação da política econômica e social para que possamos superar a situação extremamente delicada em que se encontra nosso país".

De novo, por trás de uma pretensa eficácia superior casada com maior justiça, volta a política do nacional-desenvolvimentismo, visando, nas palavras de João Manoel, que "a crise social não tenda a se aprofundar". (sic).

Vem aí o leilão

Depois de muito barulho contra a estatização, o governo dá agora sua resposta: O Banco Nacional de Desenvolvimento — BNDE, anunciou no último dia 20 que colocará à venda 7 empresas sob seu controle. São elas Editora Nacional, Editora José Olympio, Mafersa, Usimec, Caraiabas Metais, Cia. Brasileira de Cobre e Fibras Sintéticas da Bahia. O valor total destas empresas chega a meio bilhão de dólares. O BNDE anunciará breve a venda do controle acionário. Mas a expectativa é que não haja empresários interessados na compra; os técnicos do banco estão descrentes.

É que na nova política que o governo vem tentando impor, os subsídios "selvagens" ao capital devem acabar. Ou melhor, só se farão aqui para frente de modo mais disfarçado e, para casos de segurança nacional, ou seja, o caso dos grandes grupos, como Atalla, por exemplo. Para os pequenos e médios, é capitalismo civilizado mesmo, como sempre foi. E este é o caso das empresas agora postas à venda. Daí o pouco interesse que a oferta está despertando nos empresários.

"Abertura" chega à

Escola Superior de Guerra

"É necessário atualizar os conceitos de segurança e desenvolvimento" disse na última segunda-feira, o almirante Resende de Noronha, atual comandante da Escola Superior de Guerra, em discurso comemorativo dos 30 anos da instituição que produziu, a partir do pós-guerra, a ideologia da repressão e do arrocho que orientou a política brasileira em geral desde o golpe de 1964.

Agora, com a abertura ensaiada por Figueiredo, o maniqueísmo da escola, opondo o "mundo ocidental cristão", ao demônio vermelho, começa a se tornar uma figura fora do lugar.

Já há debates em curso, paralelamente aos cursos regulares da escola, visando uma reformulação dos currículos para o ano que vem. O tema central parece que será a questão tecnológica, voltando a discussão para as "alternativas de exploração dos recursos materiais disponíveis da Nação".

Além disto, como sinal desta abertura relativa, a escola já teve a ousadia de convidar um "representante dos trabalhadores" para suas conferências: nada mais que o super-pelego Ari Campista, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria. As autoridades da escola afirmam também que Lula foi convidado; só que não compareceu.





cleodon silva O Encontro Nacional das Oposições Sindicais

O Encontro Nacional das Oposições Sindicais — ENOS reunirá, além das Oposições Sindicais, oposições que já ganharam diretorias de sindicatos, comandos de greve e diretorias combativas. Nele discutiremos e analisaremos as greves e movimentos de 78/79, as táticas e palavras-de-ordem das oposições, o questionamento da estrutura sindical e daí se pretende apontar uma proposta política para a classe, a nível nacional.

Para entendermos a importância de sua realização é preciso fazer algumas considerações rápidas sobre a trajetória das oposições, do movimento e das lideranças sindicais e propostas que têm surgido.

Mesmo antes do golpe de 64, vários grupos operários já avançavam na crítica à política de conciliação das classes que imperava na época, presente na direção do populismo trabalhista e do reformismo social. Desde aquele tempo se levantava, nas bases, a crítica ao cupulismo, à ausência de organização pelas bases e, consequentemente, a falta de controle sobre as direções, que decidiam por todos e não prestavam contas a ninguém.

Só depois da derrota do populismo e do reformismo, em 64, abriu-se um espaço maior para a crítica ativa ao aparelhamento sindical, ao cupulismo e ao peleguismo das diretorias sindicais.

A experiência mais acabada da prática das oposições foi em 1968. Neste ano formou-se a Oposição Sindical de Osasco, ao mesmo tempo em que se desenvolviam as comissões de fábrica. O Sindicato foi conquistado e o movimento culminou em uma das greves mais importantes de nossa história. A experiência não se expandiu amplamente naquela época devido aos desdobramentos da crise política que deram na repressão violenta do regime militar às primeiras demonstrações de autonomia do sindicalismo brasileiro dos últimos tempos.

Desde então, as idéias básicas da proposta de Oposição Sindical ficaram estabelecidas e foram a linha mestra de nossa ação no deslenço. Estas idéias básicas eram: a) organização das Comissões de Fábrica (organização pela base); b) luta contra o aparelhamento sindical e expulsão dos pelegos e traidores da classe das direções dos sindicatos; c) democratização imediata do sindicato.

A nova conjuntura, porém, é bem diferente daquela; hoje, os movimentos operários estão avançando e as classes dominantes, em crise, são obrigadas a fazer concessões. A figura do pelego tradicional está altamente desprestigiada no seio da classe operária e já não são capazes de segurar as lutas com a facilidade de manobras que tinham. Os patrões estão ficando cientes das dificuldades de manter as velhas estruturas de dominação, percebem a impotência dos pelegos tradicionais e grande parte da classe operária questiona a estrutura sindical.

Foi neste quadro que surgiram e se fortaleceram as diretorias sindicais chamadas "autênticas".



alberto duarte João prende, arrebeta, mata e corre

O presidente João Figueiredo jurou fazer deste país uma democracia. Tirou os óculos, colocou um calção macho, começou a levantar pesos, montou a cavalo e saiu por aí.

Passou por Belo Horizonte dizendo que ia fazer uma tal de abertura e realmente abriu o peito de um operário da construção civil com um tiro. Espancou e prendeu trabalhadores, inclusive enquadrando alguns na nova Lei de Segurança Nacional.

Foi a Juiz de Fora, matou um estudante e continuou o galope, sendo que no Rio de Janeiro fechou entidades representativas.

Nomeou para comandante do II Exército, em São Paulo, o General Tavares de Souza, responsável pela "faca" de ter dizimado centenas de pessoas no Araguaia. Esta, na verdade, é a proposta do governo. Distribuiu simpatia para a burguesia, sorri populismo para a classe média a fim de conquistá-la e baixa o cacete sobre os trabalhadores, tentando com isso manter o regime de exploração e opressão.

João Figueiredo carrega uns pesinhos e é manchete. O povo carrega há muito o peso da miséria, e só é matéria na seção policial. Mas o povo já não aguenta mais a fome, o sofrimento. A revolta já começou. O povo está perdendo o medo. A miséria está acima do medo.

Em Belo Horizonte a polícia Militar levou o maior cacete de pedreiros. A briga, é claro, não é contra o polícia que também é explorado, mas o exemplo acima demonstra que o povo está perdendo o medo. Existe inclusive movimentos grevistas em andamento por parte dos policiais civil e militar.

Um dia o Governo não volta mais

Antes a ditadura matava e tripudiava sobre os cadáveres. Hoje continua matando mas tem que sair correndo. E quando é assim, ele bota prá correr. Um dia o governo corre e não volta mais, indo juntar aos Xás e Somozas da vida.



edson khair Por um Brasil livre, porque socialista

A criação do PT

Os trabalhadores através de sua vanguarda decidiram fundar o seu partido. O fato histórico na sua própria decisão revela uma determinação que vem recolocar a classe operária nos caminhos que estaria já há cinquenta anos atrás, não fosse a "tenentada" de 1930 e obviamente o seu desdobramento ideológico, isto é, o golpe fascista de 1937.

O P.T. surge como a opção autônoma dos trabalhadores. Lula, Jacob Bittar, Wagner Benevides, Paulo Maia, Ollívio Dutra, Benedito Marçilio, e dezenas de outros dirigentes sindicais expressam a vontade de autogestão daqueles que construíram este País e têm sido massacrados desde 1964 de forma brutal e desumana e antes de 1964 iludida pelo bel-canto do populismo herdeiro do Estado Novo.

A decisão da criação dos Partidos dos Trabalhadores tem herdado muita gente. O governo militar começou afirmando que não levava a sério tal tentativa. Trata-

O pacto social e as propostas dos trabalhadores

Dentro do esquema de "pacto social" proposto pelas lideranças esclarecidas da burguesia, os "autênticos" jogam um papel fundamental. As lideranças "autênticas", nascidas e formadas no berço do peleguismo tradicional tiveram, contudo, a sensibilidade de se colocarem do lado dos trabalhadores nos movimentos grevistas. Isto, evidentemente, não estava nos planos dos patrões, eles tiveram que engulir as direções "autênticas", mas até o ponto que elas não viessem a conturbar seriamente a rotina da exploração, os níveis de estoque, etc. O prolongamento das greves do ABC criou uma área maior de atrito entre "autênticos" e a burguesia, que teve que lançar mão da força do governo para neutralizar o movimento (polícia, intervenção), seja para pagar os custos da greve.

A evidência da íntima relação entre Estado e Classe Dominante faz com que os autênticos vacilem na aceitação do "pacto social" proposto pela burguesia onde desempenhariam o duplo papel de liderança efetiva da classe e de servidores do regime. Esta vacilação resulta em uma indefinição no campo sindical, na concepção das organizações de base da classe operária, que se manifesta, no plano político, na proposta cupulista de um Partido dos Trabalhadores.

Todas as visões de Partido dos Trabalhadores que têm aparecido se ressentem de um mesmo defeito: uma posição vacilante quando à organização da classe pela base. A proposta socialista e revolucionária para um partido de trabalhadores deve ter como base o movimento operário autônomo, formado a partir das comissões de fábrica, das interfábricas, dos sindicatos combativos, reunidos todos em uma Central Única de Trabalhadores, onde as decisões partam da participação democrática dos trabalhadores de base; a definição de um programa partidário amplamente discutido por centenas de círculos de operários e trabalhadores em geral, que assegure tanto a unidade do movimento operário, como a democracia operária desde seus primeiros momentos e responda aos anseios de toda a população explorada da cidade e do campo.

Uma das atribuições do Encontro Nacional de Oposições Sindicais deve ser definir uma proposta política para a classe operária, desde o ponto de vista da formação dos organismos autônomos desta. Para tal a autoridade das oposições é resultado do seu passado de lutas, pois foram os organismos de defesa da classe durante todo o período de negra repressão aos movimentos populares e que expressaram esta resistência numa prática de unidade, democracia e que sempre esteve estreitamente vinculada às bases e aos interesses do movimento operário. Seu caráter proletário não é isolacionista. Decorre da liderança evidente assumida pelos operários nas lutas dos últimos dois anos. Daí a necessidade de nos comprometermos com esta proposta.

Cleodon Silva é membro da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo.

guesia nacional-imperialismo só tem funcionado como a corda que elas "forças ortodoxas-progressistas" fornecem a estes para melhor enforcá-los. Tal concepção e tática política parte do pressuposto axiomático de que não tendo a classe operária acumulado força necessária para andar com as suas próprias pernas deve tomar o trem da burguesia nacional consorciada internacionalmente.

Mas a história mostra-nos o contrário. Senão vejamos: o imperialismo que durante um governo "democrático-burguês" aqui instaurou sua indústria automobilística precisamente em São Paulo na década de 1950, vinte anos depois em plena ditadura encontra uma classe operária, espécie de "filha maldita" a rebelar-se com extrema virilidade e competência contra seus exploradores nacionais ou multi-nacionais. Lula e seus companheiros são os representantes de uma nova fase da história da classe operária que aprendeu a resistir, que vencendo o medo rompeu o isolamento que a ditadura quis lhe impor e reinventou, faz greves e avança conquistando autonomamente o seu espaço político. E nem se diga que esse avanço do movimento operário se processa em forma de pinça tendendo a isolar-se no todo de um movimento, pois ali está o exemplo de Minas Gerais quando setores da classe operária, como da construção civil tidos como de mais baixo índice de politização foram capazes de paralisar a cidade buscando suas próprias alianças com outros setores da população demonstrando que outras espécies de frentes, não tão amplas como aquelas preconizadas pelos epígonos das "sagradas ortodoxias" funcionam pondo em cheque o sistema e o seu aparelho repressivo.



joão carlos torres São Paulo e a crise nacional

Sempre que a questão das desigualdades regionais no Brasil é levantada, pensa-se em primeiro lugar e sobretudo no Nordeste, um pouco como se a importância de nossa "questão setentrional" exaurisse o essencial dos problemas regionais do país.

Não é este o momento para discutir as razões que sustentam esta atitude, tornando-a, em boa medida, justificada e lógica. Ao contrário, o que nos importa aqui é chamar a atenção para a complexidade da problemática regional na formação social brasileira, complexidade da qual resulta que mesmo São Paulo, o Estado mais desenvolvido da federação, constitua-se num problema regional.

Nestes últimos tempos, aliás, o progresso paulista — no qual vulgarmente se inclui, com rigor de fazer inveja aos enciclopedistas chineses de que fala Borges, o nível da renda per capita, a explosão demográfica paulistana, a participação do Estado no PIB nacional e a qualidade das massas, a força do movimento sindical e a eficiência na construção do Metrô, ou até mesmo a existência de uma loja especializada na venda de arruelas — tem dado origem ou a idéia de que São Paulo é um "outro país", ou a de que o verdadeiro Brasil é São Paulo, sem que se possa distinguir qual das duas alternativas é mais absurda. Não é menos verdade, todavia, que nestas duas hipóteses a questão regional só pode ser alheia, problema dos outros, ou do país-Brasil, ou de quem no Brasil, não sendo São Paulo, não é ainda verdadeiramente Brasil.

E no entanto, há obviamente uma "questão paulista" na história brasileira contemporânea, questão, de resto, de enorme relevância nesta conjuntura em que os estertores do último ciclo autoritário não são mais do que a pulsação da imensa crise de representação política em que se debate o país.

Bem entedido, numa linha de análise óbvia — embora academicamente muito pouco explorada — a diferença entre os "pesos" econômico e político de São Paulo no contexto nacional deve atribuir-se à Revolução de 30 e ao fracasso de 32, que resultou uma inegável, embora relativa, marginalização da elite política paulista.

No presente contexto, no entanto, o que mais importa acentuar é que este descompasso — referente, no essencial, ao universo, às regras e esquemas de organização política das classes dominantes — tem efeitos também sobre as condições de articulação política das classes dominadas, num cruzamento enigmático e crucial dos eixos de distribuição espacial e inter-classes do poder do país. O que significa dizer que a marginalização política

O PT é irreversível

Tal fato é altamente desmistificador, pois o carro chefe da argumentação daqueles que se opõem a autonomia e auto-gestão dos trabalhadores era exatamente a cantilena de que o A.B.C. paulista não refletia o movimento de massas no Brasil. Ainda era muito atrasado, incapaz de ganhar as ruas, etc., etc. O P.T. surgiu como decisão própria e independente dos trabalhadores, e expressão política de todo ascenso do movimento de massa é irreversível. Ele vai constituir-se como partido político ainda este ano ou ano que vem? A resposta negativa ou afirmativa não é o principal. Fundamental é termos a certeza nascida dos fatos inquestionáveis de que os trabalhadores através da sua vanguarda decidiram fazer o seu partido que obviamente será um partido de frente com setores da pequena burguesia o que vale dizer intelectuais, profissionais liberais, estudantes etc. Não há encontro em Niterói ou na Avenida Vieira Souto, que impedirá essa decisão mesmo porque ela já vem com atraso de 50 anos.

É verdade que para existir tal liderança como a de Lula e seus companheiros, muitos trabalhadores foram presos, torturados, exilados e assassinados pelas diversas formas de opressão vigentes em diversas épocas no Brasil. José Ibrahim, Manoel da Conceição, Palhaço e vários outros líderes dos trabalhadores simbolizam o martírio, o sofrimento, o retrocesso e o avanço da luta por um Brasil livre, porque socialista.

Edson Khair é deputado federal pelo MDB, Rio de Janeiro.

de São Paulo no período pós 30 deve em boa parte creditar também o fato de que a despeito do avanço inigualado do movimento sindical e da força inconteste das vanguardas ideológicas, não emerge de São Paulo — como a primeira vista pareceria razoável supor — uma carta e um projeto político de alcance nacional, capazes de fazer da crise atual a porta de acesso a um período histórico efetivamente novo, marcado pelo surgimento de forças políticas sem compromissos com os fracassos populistas e portadoras de uma alternativa socialista ao mesmo tempo democrática, séria e viável.

Os desencontros de São Bernardo

Neste sentido os desencontros de São Bernardo, as dificuldades óbvias e enormes de construção do PT, a frustração reiterada do projeto de articulação das novas lideranças sindicais com os políticos chamados autênticos, tudo isto nada mais faz do que refletir um "handicap" histórico que a todos nos penaliza mas que não parece possa vir a ser resolvido pela reiteração de encontros, públicos ou privados, comprovadamente estéréis.

Que, nestas circunstâncias, as alternativas políticas mais viáveis a curto prazo estejam a vir da periferia e do passado, esta é verdade mais evidente. Uma outra, algo mais sutil, mas de importância equivalente, é que, para enfrentar os desafios da presente conjuntura, é vital redifinir as expectativas com relação ao dinamismo e as novidades políticas paulistas.

É urgente, com efeito, aprofundar o conhecimento das linhas de distribuição do poder político no espaço nacional, tratando de investigar como as desigualdades inerentes à nossa dinâmica de desenvolvimento, especificam e particularizam as formas de solidarização de interesse intra e inter-classes, assim como de articulação das forças políticas existentes nos diferentes espaços regionais. Neste sentido, atentar para o radicalismo jacobino do Rio de Janeiro, de Pernambuco, do Rio Grande do Sul, procurar entender a nova e surpreendente explosividade mineira, tentar ver, enfim, como as potencialidades diferenciadas destes vários centros políticos podem ser articuladas às forças paulistas, estas são todas tarefas fundamentais para quem estiver interessado em intervir nos eixos fundamentais em torno dos quais gira a vida política brasileira.

Tarefa para qual, infelizmente, não bastam os penosíssimos esforços para casar lideranças sindicais e parlamentares de variada "autenticidade".

João Carlos Brum Torres é professor universitário, cassado em 1969, e atualmente é assessor do MDB do Rio Grande do Sul.

EM TEMPO em nova forma

Eis as razões que levam o EM TEMPO a mudar do seu formato standard para o tablóide. A partir da próxima semana, um semanário mais dinâmico e novamente em off set em suas mãos.

O EM TEMPO foi o primeiro jornal alternativo de oposição a adotar o tamanho standard, quebrando com a tradição tablóide da imprensa combativa, pelo menos se nos limitarmos aos últimos tempos da imprensa brasileira. A partir da próxima edição, contudo, mudaremos o formato do EM TEMPO. A partir do n.º 79, o nosso jornal será tablóide. Por que a mudança?

Antes de mais nada, é preciso deixar claro: o tamanho standard continua nos sendo caro. E caro nos dois sentidos: na valorização da nossa opção inicial, no que ela deixou marca registrada nestes quase dois anos de jornal, e nos custos materiais para sua produção. A razão para a mudança, no entanto, não é estritamente financeira; é também de produção gráfica. Como os leitores acompanharam, há vários meses que só conseguimos imprimir semanalmente o EM TEMPO utilizando serviços de linotipo e não os modernos de off-set, que caracterizaram toda a fase anterior de nossas edições. Com a imposição do linotipo, o produto final deixa muito a desejar. E com o tamanho standard em 12 páginas não há outras opções off-set. Todas as gráficas viáveis economicamente foram buscadas pelo EM TEMPO e todas bateram com a porta no nosso nariz.

Melhor qualidade e menor custo

Precisamos mudar, portanto, por duas razões: para melhorar a qualidade gráfica do EM TEMPO e para diminuir os custos. Todos sabem que o nosso jornal, como os demais alternativos de oposição, depende exclusivamente do leitor. Não recebe publicidade das empresas e não possui outras fontes de financiamento. A receita é limitada às vendas (em bancas e de forma direta e a preço inferior no meio operário e na periferia) e às assinaturas. De vez em quando, às campanhas de solidariedade, às promoções especiais, às passagens do "chapéu", como se diz entre nós. Nada disso, contudo, tem impedido um acúmulo constante de déficits mensais em nosso orçamento, o que, com o passar do tempo, tem aumentado o valor dos nossos empréstimos, das nossas dívidas, enfim.

Depois de discutir bastante o problema, inclusive na preparação e durante a última assembleia nacional do EM TEMPO, realizada em 1.º de julho, decidimos na reunião do Conselho Editorial Administrativo (CEA) de 12 deste mês, preparar a mudança de formato do nosso jornal, como a melhor saída existente no momento para resolver a questão da qualidade gráfica e o problema do nosso déficit mensal.

O novo EM TEMPO tablóide passará, evidentemente, por mudanças também a nível de sua receita editorial. Até esta edição, standard, saímos sempre com, no mínimo, 16 páginas. Agora, passaremos para, no mínimo, 16 no formato tablóide. O que, sem dúvida, obriga a uma nova distribuição das seções fixas, como "GERAIS", "OPINIAO", "DEBATE", "INTERNACIONAL", "CULTURA", "SINDICAL-OPERARIA-POPULAR", etc.

Espírito preparado e apoio efetivo

Com esta nota, além de preparar o espírito dos leitores para as mudanças, queremos reafirmar os nossos propósitos e, mais uma vez, pedir um apoio efetivo para que consigamos, rapidamente, superar nossas dificuldades acumuladas.

Mas, por cima disso tudo, o EM TEMPO tablóide continua sendo um jornal de esquerda ao lado dos trabalhadores.



Em nossa edição n.º 77, da semana passada devido a uma lamentável falha técnica, os textos das páginas de Eduardo Albuquerque (Duda) — "Um programa socialista para a UNE" — e de Adalberto Naschenweg (Beito) — "Que Partido interessa aos trabalhadores" — foram trocados

MEIA IMPRENSA

jornal da REPÚBLICA

(O DIÁRIO DE MINO CARTA)

Um jornal para ocupar o espaço que existe entre os grandes jornais...

Segundo Mino Carta, o novo diário surge neste momento por duas razões...

As razões para o título "Jornal da República" são interessantes. De um lado, pelo que ele tem de "justamente solene..."

Exemplo europeu Este título, contudo, Mino já escolheu há um bom tempo...

Um novo jornal diário no país. Depois do sucesso da "Isto É", Mino Carta, o criador das revistas semanais de informação no Brasil, lança o "Jornal da República"...

Por Carlos Tibúrcio

por jornalistas socialistas independentes, que revolucionou o jornalismo italiano...

O "Jornal da República", portanto, não segue, em hipótese nenhuma, o que seu criador classifica de "modelo americano..."

Empresário por acaso Mino Carta não gosta de ser chamado de empresário. Ele admite que é, mas justifica que isso se deu "por acaso"...

cujos pináculos estão os donos do vernáculo, os senhores copy-desks, levam à diluição completa da opinião dos que fazem o jornal...

Mino Carta resume bem o significado dessa preocupação: "É preciso valorizar o tempo do leitor".

O "Jornal da República", que começa a circular na próxima segunda-feira, vai ser impresso e distribuído pelos "Diários Associados"...

fato considerado mais significativo do dia em sua área. E isto "com muito humor", acrescenta Rossi. Para se ter uma idéia do que será o espírito de síntese do novo diário...

Tive, portanto, de criar uma, para sobreviver fazendo jornalismo. E creio a "Isto É". O novo projeto é uma consequência...

As redações da "Isto É" e do "Jornal da República", conforme explica Mino, "já são hoje redações serapadas". Ocupam quatro andares de um prédio no centro de São Paulo...



Mino Carta: sem hierarquia e sem copy-desk

Receita editorial do novo diário

dio Abramo — e nas dedicadas à cobertura sindical, abrindo espaço para os novos sindicalistas autênticos...

O "Jornal da República" não pretende, de modo algum — diz Rossi — concorrer com a grande imprensa em volume de informações...

Mino Carta resume bem o significado dessa preocupação: "É preciso valorizar o tempo do leitor".

O "Jornal da República", que começa a circular na próxima segunda-feira, vai ser impresso e distribuído pelos "Diários Associados"...

A plataforma de Mino Carta

"Um jornal basicamente a favor da liberdade e da democracia. Este é lema que Mino Carta defende para o "Jornal da República"...

Estes pontos, contudo, não dizem tudo. Qual o ideário político-ideológico mais geral em que eles se referenciam? Mino Carta responde: "Não gostamos do Chile, mas também não gostamos da União Soviética. O stalinismo é uma coisa ruim, como é ruim o fascismo..."

que o socialismo não conseguiu resultados tão brilhantes, na prática, como já se declarou. Por razões diferentes das que põem em cheque o capitalismo, ele (o socialismo) também falhou".

Até aqui um ideário amplo, que define campos mais por exclusão do que por afirmação. O quadro fica mais restrito e insuficiente, porém, quando procura delimitar objetivos claramente afirmativos. Diz Mino: "Precisamos liquidar o capitalismo selvagem que ainda assola por aí. Precisamos criar formas para que a sociedade controle a iniciativa privada. Precisamos admitir a intervenção estatal — de um Estado íntegro, que tenha critérios justos".

de melhor em cada situação, segundo sempre o princípio geral da liberdade. E quando a situação impõe opções imediatas, como por exemplo na Nicarágua? Mino não vacila: "Aí trata-se de escolher e seguir em frente. Mas o que mais me preocupa na Nicarágua é verificar se o povo nicaraguense tem condições de assumir a liberdade e evitar que um novo autoritarismo se imponha no país".



Agora, o filho diário da ISTO É

Um jornal de 16 páginas de noticiário, principalmente de reportagens, e o restante de publicidade. Muita opinião. Além dos tradicionais editoriais, artigos assinados de personalidades com posições que vão desde as da "direita esclarecida até as da extrema-esquerda, sem discriminações"...

salada mista

Tamos aí traveis

Professores aposentados pelo regime pós-64 abriram desta vez o segundo semestre letivo da Universidade de São Paulo numa série de aulas inaugurais em diferentes institutos e faculdades...

As aulas inaugurais — que tinham caráter simbólico por não haver aulas inaugurais oficiais no segundo semestre da Universidade — foram promoção conjunta da Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP) e do DCE-Livre da USP...

Figuras de linguagem

metáfora e metonímia

- A gente protesta
Em nome de
Quem não tem voz
Eles batem primeiro
No que está mais perto

(FA)

Publicidade

Causa terror e piedade a farta distribuição, em muitos jornais, da fornida face do novo ministro. Delfim Netto feita por conceituada agência de propaganda com saudações e louvores do tipo "o otimismo está de volta"...

do capital, um tipo de fetichismo primitivo e infantil, que consiste em conceder determinados atributos mágicos a um objeto, cuja compra e posse nos garantem, no imaginário, aqueles atributos desejados...

15 de agosto de 1979. O Brasil amanheceu sorrindo.



ADAG

vale a uma nova entrada em cena) no papel de cavalaria americana garante, por passe de mágica, a "disposição para o trabalho" e o "otimismo" necessário para a retomada do progresso...

O Museu Lasar Segall, em São Paulo, está apresentando até dia 23 de setembro uma exposição sobre a caricatura no Brasil...

Esta deveria ser a parte mais interessante da exposição, por reunir e tornar acessível uma produção até agora completamente dispersa. Mas o público recebe essa produção sem algumas coordenadas mi-



Humor visual

dos trabalhos tira muito de seu interesse. O humorista político joga com uma conjetura que é perfeitamente conhecida por seus leitores. Apresentar seu trabalho sem mesmo uma menção ao que estava acontecendo na época é tirar todo seu impacto e desapontar o público...

Restar admirar as caricaturas, em geral muito bonitas e ler o texto de introdução do catálogo, que ajuda bastante a entender o contexto em que nasce o desenho de humor no Brasil...

Restar admirar as caricaturas, em geral muito bonitas e ler o texto de introdução do catálogo, que ajuda bastante a entender o contexto em que nasce o desenho de humor no Brasil...

Restar admirar as caricaturas, em geral muito bonitas e ler o texto de introdução do catálogo, que ajuda bastante a entender o contexto em que nasce o desenho de humor no Brasil...

Mundo Árabe: Porque o futuro se joga no Líbano

Por que a Guerra Civil no Líbano assumiu caráter de luta entre facções religiosas?

Em geral não podemos dizer que a luta em nosso país assumiu a forma de contradições entre facções religiosas. Mas existe quem se interessa em dar esse caráter à luta e há um motivo para isso. A estrutura do governo, do regime político no Líbano tem uma base confessional. Existem dezesseis seitas religiosas das quais seis são as mais importantes. Três são do cristianismo e três são muçulmanas.

No governo a seita mais forte é a maronista que por seu lado é a seita mais forte entre as cristãs. O presidente da República, e o comandante Supremo do Exército pertencem a ela o que criou uma oportunidade de fortalecê-la econômica e socialmente. Além disso ela sempre foi a seita mais apoiada pela França, depois da Turquia. Hoje ela corresponde indiscutivelmente ao setor mais forte da burguesia libanesa, tanto do ponto de vista da produção quanto do ponto de vista da propriedade privada dos meios de financeiro.

Assim, quando o povo libanês, as classes trabalhadoras e a pequena burguesia tentaram modificar a situação e promover uma reforma econômica e social, os maronistas trataram de qualificar este movimento como uma tentativa de diminuir o poder dos cristãos dentro do Estado Libanês. Isto é, para defender seus interesses de classe procuram enco-

Maurice Nohra é membro do burô político do Partido Comunista Libanês. Ex-operário têxtil, esteve até recentemente no Líbano participando e acompanhando de perto os principais acontecimentos que marcaram a existência do povo libanês nos últimos tempos, principalmente a guerra civil de 1976 que quase levou a vitória do Movimento Nacional do Líbano, frente política na qual o PCL desempenha um papel fundamental. Na ocasião o MNL chegou a controlar 80% do território e a correlação de forças só se inverteu com a intervenção externa, principalmente da Síria, que até hoje mantém um enorme contingente militar no país. Nohra hoje é o responsável pela representação do PCL em Cuba, de onde nos concedeu essa entrevista exclusiva.

Por Camilo Guerra



O presidente Sarkis

tempo, no Líbano há um MNL, uma frente de distintos partidos progressistas que têm uma influência política e militar grande e não quer que o Líbano se divida. E tem ainda a presença da Síria. O Exército sírio no Líbano até agora é superior a 30 mil homens e a posição combativa que a Síria assumiu depois da visita de Sadat a Israel levou a que Israel, os EUA e Sadat iniciassem uma pressão muito grande contra a Síria no Líbano. Assim, o enfrentamento em nosso país passa a ser fundamental. Se aí triunfa o MNL e a resistência palestina, isto significa que Camp David não passa e os objetivos de Israel, Egito e dos EUA estarão fadados ao fracasso. Caso contrário Camp David e tudo o que ele significa pode passar.

Que objetivos tinha Israel com a invasão de março de 1978, a maior e mais massiva invasão de Israel no sul do Líbano?

Ela tinha três objetivos fundamentais: primeiro, golpear ao máximo a resistência palestina; segundo, golpear o MNL e ajudar a fortalecer as forças direitistas e fascistas que apoiam Israel; terceiro, promover um Estado formal com cara libanesa no sul mas que de fato fosse um agente de Israel. Israel tem interesse de consolidar este Estado numa pequena parte do Líbano para que isso funcione como uma justificativa para que ele próprio possa se constituir como um país de base religiosa e racista.

Livre, defendemos a resistência palestina e enfrentamos as forças aliadas de Israel dentro do Líbano, isto é, os falangistas e Chamoun.

O levantamento do povo libanês e sua luta política e armada têm dois objetivos. Um quanto ao próprio Líbano e o outro quanto à situação global do Oriente Médio e do mundo árabe em geral.

Quanto ao Líbano, o mais fundamental agora é a correlação de forças no Oriente Médio, é preservar a unidade do Líbano, afirmar o arabismo do Líbano e o desenvolvimento democrático do Líbano. Através disso, podemos fortalecer a luta pela reforma econômica e social.

Quanto ao Oriente Médio, em geral, nosso objetivo não é somente defender a resistência palestina, mas também fortalecer um estímulo para o povo árabe em geral, para organizar sua força e mobilizá-la, para enfrentar política e militarmente a ofensiva imperialista e contra a solução capitulacionista. Isto significa fazer um novo levantamento popular e fortalecer o Movimento de Libertação Árabe unindo todas as forças que tenham contradições com o imperialismo e o sionismo. E eu creio que se a correlação de forças depois de Camp David, particularmente pela posição assumida pelo maior país árabe, não está muito favorável particularmente nós, como comunistas e como Movimento Nacional do Líbano precisamos da ajuda do mundo árabe, dos regimes nacionalistas árabes porque lutamos em nome da libertação árabe e em geral, em nome do povo árabe, enfrentamos a ofensiva que tem objetivos contra todos os povos árabes, não somente contra o Líbano. Nosso enfrentamento reflete o interesse do povo árabe em geral. Por isso necessitamos dessa ajuda e lutamos para recebê-la e o nosso território depende não apenas de nossa força interna no Líbano, mas depende também da situação em torno de nós, nos países árabes. Eles não podem triunfar sem nós, sem os libaneses. Mas nós também não podemos triunfar sem esta ajuda.

Em geral podemos dizer que esta luta que nós dirigimos e participamos no Líbano é um grande exemplo da unidade entre o povo palestino e o libanês e que as vítimas dos progressistas e dos revolucionários não se fazem sem resultado.

Estou absolutamente convencido de que as forças do imperialismo, do sionismo e da reação árabe podem conseguir algumas vitórias mas não podem no final, triunfar. Até agora, nossa luta no Líbano junto com os palestinos tem exercido uma pressão muito grande no mundo árabe contra Camp David. É por isso que na reunião de Bagdá os países árabes moderados como a Arábia Saudita, o Marrocos e o Rei Hussein foram obrigados a condenar Camp David. Isto não surgiu de suas intenções. Surgiu a partir de nós, porque uma luta de cinco, seis anos dá seu resultado.



Forças da ONU no Sul do Líbano



Uma coluna do Exército libanês

árabe e que se expressam politicamente através do Partido Falangista e do Partido Liberal de Chamoun e se apoiam no Exército agora recomposto depois de sua quase liquidação na guerra de 1976. Por outro lado, existem as forças progressistas nacionalistas que se unificam no MNL. Estas são as forças fundamentais que expressam a principal polarização do país. Existe ainda forças locais como a de Franjier, ex-presidente do Líbano, maronista que tem sua própria força armada no Norte do país contra os falangistas e contra Chamoun. E existem ainda pequenas forças aqui e acolá. Fora das forças libanesas existe também a resistência palestina.

Por que se afirma que o futuro do mundo árabe se joga no Líbano? Essa afirmação é verdadeira?

Sim, porque o enfrentamento que se dá no Líbano há cinco anos é um enfrentamento fundamental e reflete a contradição entre o movimento de libertação árabe em geral e o imperialismo, o sionismo e a reação árabe. Todos estes aspectos estão presentes no Líbano e na atual etapa, no núcleo dessa contradição está o problema palestino e a resistência palestina. E a direção é a força armada dessa resistência que é a OLP está no Líbano. Ao mesmo

O problema consistiu em que pelo menos o terceiro objetivo foi conseguido. Quando Sadat firmou o tratado de Camp David em março passado ele abriu condições para que em seguida Israel firmasse o Estado do Líbano Livre no Sul, encabeçado por um oficial do Exército libanês. E agora Israel pode intervir várias vezes no país através de pequenas forças libanesas embora isso não seja suficiente e ele tenha ainda de utilizar diretamente suas forças, seu Exército contra os palestinos e libaneses. Podemos dizer ainda que o segundo objetivo também foi cumprido ainda que parcialmente. A invasão levou ao fortalecimento militar de seus aliados internos, os falangistas e Chamoun porque agora estes contam com uma zona livre para receber armas de Israel através do mediterrâneo.

As perspectivas da revolução libanesa

Você pode dizer, em traços gerais quais são as perspectivas da Revolução no Líbano?

A luta do MNL e do povo libanês se choca diretamente com os objetivos do imperialismo e do sionismo porque enfrentamos os ataques de Israel e do Estado formal do Líbano

viramundo

O Terror de Estado e os terrores do Estadão

No momento em que o "terrorismo" é excluído do projeto de anistia da ditadura brasileira, o Estado de São Paulo abre em sua edição de domingo último uma série de reportagens sobre o terrorismo em escala internacional. O primeiro capítulo nos mostra quanto relativo é o conceito de objetividade do Estadão, não deixando de ser surpreendente que no fundamental, seus correspondentes tenham se valido de um tipo de informações que, em geral, pode ser encontrado nos press-release informais dos organismos policiais.

Sobre a Itália, por exemplo, a matéria abre com uma citação do general Vito Miceli, apresentado como "ex-chefe dos serviços-secreto". Não se diz, no entanto que o general Miceli foi afastado do seu cargo por estar tramando um golpe de Estado em articulação com grupos fascistas. Da mesma forma, e ainda sobre a Itália, o jornal assume a versão de que o editor Feltrinelli teria sido vítima de um acidente quando tentava destruír uma torre de eletricidade perto de Milão. Ora, ninguém mais acredita nesta versão e não precisa ser de esquerda para saber que Feltrinelli foi assassinado por grupos de extrema direita. Os exemplos se multiplicam e podem ser detetados por qualquer pessoa medianamente informada sobre questões internacionais.

Em se tratando de uma série sobre o terrorismo internacional, todos nós estamos aguardando ansiosamente os capítulos que tratem da forma hoje mais difundida de terror: aquela exercida pelo Estado.

Esperamos ver, assim, analisados os assassinatos de presos políticos nos cárceres alemães (ou o Estadão acredita na versão dos suicídios?), as torturas que o exército inglês pratica sistematicamente na Irlanda, ou os assassinatos contra militantes anti-imperialistas na França, como bem ilustra a morte de Henri Curriel no ano passado.

(M.A. Garcia)

Irã

Reprimindo enquanto é tempo

Está cada vez mais claro que o aiatolá Khomeini não é apenas um fanático religioso perigoso, favorável à execução de homossexuais, prostitutas e adúlteras, que quer manter as mulheres na sua servidão milenar, que acha que a música faz uma lavagem cerebral. A verdadeira luta de Khomeini não é pela sua "moral" ultra-reacionária, mas é contra o movimento operário, contra a libertação das minorias nacionais oprimidas, contra o movimento popular em geral. Ele não apenas não tomou as medidas necessárias para resolver os mais que urgentes problemas das massas iranianas, como tem tentado impor uma nova forma de opressão, fazendo com que as massas percam as conquistas já arrancadas.

Sentindo que o regime estaria ameaçado com a elevação da combatividade popular e com o desgaste que sua política vinha tendo (agravado pela fraudulenta eleição de uma "Constituinte de especialistas islâmicos"), o aiatolá se dispôs a aplastar a oposição enquanto ainda é tempo. Já foi fechada toda a imprensa independente, estão sendo atacados todos os partidos de oposição (mesmo o Tudeh — pró-soviético, que até agora apoiava o regime, foi proscrito), foram tomadas medidas drásticas contra o "delito monstruoso, anti-islâmico" que são as greves, e está sendo reativada uma campanha de extermínio contra os nacionalistas curdos. A oposição, ainda confusa, não tem uma alternativa clara. É possível que o aiatolá consiga seu objetivo — e terá havido no Irã uma revolução frustrada.

(J. Machado)

Haiti

Duvalier: o próximo a cair?



Luta Operária, órgão da Confederação Democrática dos Trabalhadores Haitianos (CDTH) está distribuindo clandestinamente no Haiti um cartaz, impresso antes da queda de Somoza — onde se anuncia o fim do ditador da Nicarágua e de Jean-Claude Duvalier, ditador do Haiti. O cartaz mostra os retratos do Xá do Irã e de Idi Amin riscados e uma seta onde se lê em três idiomas a palavra AGORA, indicando uma curiosa fotografia Somoza e Duvalier juntos. Realmente seria muito interessante que Duvalier fosse o próximo.

Vietnã

"Boat People": uma campanha de difamação

A atual onda de protestos em torno dos refugiados vietnamitas deixa cada vez mais clara sua verdadeira natureza — é uma campanha sistemática de difamação contra a Revolução Vietnamita. O êxodo dos Hoas começou em agosto do ano passado, quando foi completada a coletivização do Sul do país. Antes disso o Vietnã propôs aos EUA o estabelecimento de uma ponte aérea entre Hanói e New York para a evacuação dos descontentes com o regime, mas os EUA recusaram a proposta alegando não poder receber os refugiados.

A França recusou dar visto de entrada a treze mil vietnamitas que queriam imigrar para aquele país e que tiveram a sua saída do Vietnã liberada. E as duas Chinas tiveram a mesma atitude: os comunistas chineses recusaram-se transportar para seu território dois navios de refugiados que haviam prometido recolher depois do fim dos combates entre os dois países. O regime de Taiwan recusou-se mesmo a dar refúgio a pessoas com o seu passaporte.

Mas as tão faladas atrocidades contra os "boat people" não resistem a entrevistas um pouco mais bem feitas com os refugiados, tais como as realizadas por fontes "insuspeitas" como o "Washington Post" e o "Christian Science Monitor". Mas o grande problema parece vir das funções realizadas pelos refugiados antes do fim da guerra: eram em sua maioria pequenos comerciantes e profissionais liberais que ou ficaram sem função no novo regime ou não se acostumaram com remunerações compatíveis com um país de renda per capita de cento e cinquenta dólares.

(Roberto Grun)



as mulheres se organizam

Grupos que lutam pela libertação da mulher, contam um pouco de suas histórias e de seus projetos.

For Elizabeth Lôbo



A PESAR das resistências de muitos, a luta das mulheres chegou ao Brasil. A princípio relutante, é certo. Os primeiros grupos: O Centro da Mulher Brasileira, no Rio, o Jornal Brasil Mulher reivindicaram principalmente a organização e participação das mulheres nas lutas mais gerais da sociedade — por liberdades democráticas, pela anistia, por liberdade de organização. Mas ao poucos vão emergindo também os temas específicos da opressão das mulheres: a dupla jornada de trabalho, a inexistência de creches, a utilização indiscriminada dos métodos anti-concepcionais, as desigualdades no acesso ao trabalho e nos salários. Mais ainda estes temas repercutem nos vários setores da sociedade e de repente a questão da mulher chega aos sindicatos, aos grupos de mães e até à televisão.

"A opressão da mulher, diz Sheila Rowsthorn, não é uma condição moral abstrata, mas uma experiência social e histórica". A vivência cotidiana desta opressão e a trajetória destas mulheres, é o que as leva da consciência individual à necessidade de formar grupos e de lutar.

Divididas por sua situação de classe, algumas escapam ao papel de servas domésticas que lhes é designado pela sociedade, transferindo sua cervidão a outras mulheres.

Educadas umas e outras para a submissão, para a reprodução, identificadas ao pequeno mundo do lar, quando jogadas no mercado de trabalho arcam ainda com os encargos familiares.

Ao culto da família que serve de barreira ideológica à participação da mulher se soma a inexistência de equipamentos coletivos e creches que estendam a socialização e a educação das crianças. Tudo é feito para as "mamães" que não trabalham ou que dispõem de empregadas.

Enfim, o próprio corpo da mulher é transformado em objeto de consumo e de violência. É-lhes negado o direito a uma assistência médica eficaz na contracepção, a proteção na gravidez e na maternidade, o direito básico de dispor de seu corpo e decidir sua maternidade.

Marginalizadas na vida política e social as mulheres por muitos anos apenas serviram de eco às lutas políticas. Hoje, as herdeiras desta história silenciosa tomam a palavra. Nos grupos, nos sindicatos, nos círculos de mães, na imprensa, reivindicam afinal seu lugar, sua condição e trazem suas propostas.

O espaço que elas abrem aqui hoje, é de todas as que quiserem ocupá-lo.

Movimento das mulheres pela libertação (R.G.S.)

Vivemos a opressão que uns poucos exercem sobre muitos

No começo éramos poucas. Algumas companheiras chegaram do exterior no decorrer da segunda metade do ano 78 sentiram a necessidade de continuarem aqui a luta contra a opressão da mulher, na qual se haviam engajado. Ao chegarem juntaram-se ao pequeno e único núcleo de mulheres existente em Porto Alegre naquela ocasião, grupo que tinha na época a preocupação de estudar a problemática feminista.

Ao contarmos o grupo, nossas companheiras procuraram ampliar o número de participantes estendendo convites a todas as mulheres interessadas.

Porém, divergências de concepção quanto à forma de se levar a trabalho dentro de um grupo feminista, impossibilitaram que houvesse uma atuação em conjunto, o que provocou a ruptura com o grupo a que nos agregáramos.

Partimos em busca de novas formas de organização baseadas num relacionamento mais solidário, sem autoritarismos e agressividades. Nosso objetivo tem sido o de não reproduzir os comportamentos tradicionais em grupos mistos onde dominam a hierarquização e a competitividade.

O relatório feito pelas companheiras que participaram do I Encontro Nacional de Mulheres, no Rio de Janeiro, sobre o que viram, ouviram e fizeram, foi o que marcou o início de nossas atividades. Nessa ocasião contávamos já com 12 mulheres no grupo.

Como ponto de partida, optamos por nos informar e homogeneizar no grupo nossos conhecimentos sobre a questão feminista, iniciando então uma fase de estudos e discussões de textos.

Ao cabo de algum tempo, diante da crescente necessidade que passamos a sentir de termos uma atuação a nível prático nos diferentes setores da sociedade, nos decidimos pela elaboração de um programa mínimo que nos caracterizasse enquanto grupo e que expressasse aqueles pontos que no decorrer das nossas discussões haviam se tornado consensuais.

Hoje, depois de quatro meses de trabalho conjunto, somos 25 mulheres aproximadamente. Nossa tarefa prioritária, neste momento é construir uma linha que oriente nossa atividade prática, inserindo o grupo no processo político e social que o país vive. Em função disso estamos trabalhando em subgrupos, nos

ocupando da elaboração do nosso programa mínimo, da formalização do grupo, da montagem de uma biblioteca específica e da coleta de dados que informem sobre a situação da mulher, especialmente da mulher brasileira. Estamos em busca de contatos com outros grupos nacionais e internacionais, lutando por um espaço para divulgação do pensamento do grupo na imprensa.

Queremos enfatizar que as tarefas em que o grupo está hoje envolvido — programa mínimo, formalização — são apenas um meio para que possamos levar adiante as discussões sobre os diferentes aspectos da opressão da mulher e um trabalho de conscientização mais amplo. Seu caráter é transitório, mas de grande importância para o prosseguimento da prática do grupo.

O grupo entende que a luta contra a opressão da mulher está inserida na luta mais ampla contra a opressão de uma classe pela outra. Organizando-nos em torno da nossa situação específica, lutamos contra o sistema capitalista, porque estamos convictas de que o processo que sofremos enquanto mulheres faz parte da opressão que, na sociedade em que vivemos, uns poucos exercem sobre muitos.

Nosso grupo está aberto a todas as mulheres que aceitem nossa luta e que estejam dispostas a trabalhar conosco para fortalecê-la.



Nós Mulheres

Somos uma transformação radical da sociedade em que vivemos

Somos cerca de 30 mulheres. Estamos, neste momento, em fase de reestruturação, trazendo conosco a experiência de 3 anos de trabalho e discussão, onde o jornal *Nós Mulheres* foi nosso principal porta-voz. Uma série de problemas, que vão desde nossa organização interna e questões financeiras até a própria dificuldade de se concretizar um projeto feminista no Brasil, hoje, levaram-nos a interromper a publicação. Contudo, o grupo não se desfez. Continuamos atuando, ainda que de maneira fragmentada. Ademais, o impulso dado pelo I Congresso da Mulher Paulista, em março deste ano, e todo o movimento de mulheres contribuíram para que adquiríssemos novas forças e retomássemos de forma sistemática nossas atividades, reunindo novas pessoas, idéias e perspectivas de trabalho. O texto que aqui apresentamos explicita nossa concepção de feminismo, é o resultado das discussões em torno Gessa reestruturação. Reafirmamos o mesmo princípio que pautou a existência do jornal há três anos atrás: a consciência do imperativo de lutarmos contra todas as formas de opressão que sofremos enquanto sexo, o que para nós significa lutar pela transformação radical da sociedade em que vivemos.

A experiência do Nós Mulheres

O grupo reunido desde 1976, em torno do jornal *Nós Mulheres*, optou por uma organização de trabalho que comportasse uma democracia interna a mais ampla possível, partindo da igualdade de direitos e deveres de cada uma de suas participantes. A nossa preocupação era atingir uma flexibilidade dos papéis de responsabilidades que despertasse as potencialidades criativas de cada uma. Nossos editoriais eram feitos por qualquer uma de nós, as matérias sugeridas pelas participantes e as decisões mais importantes tomadas em conjunto. O grupo portan-

to, lutou persistentemente contra as hierarquias no seu interior, buscando uma rotatividade de funções.

A não-hierarquia trazia velhos vícios de comportamento, produto de nossa vivência em uma sociedade organizada segundo moldes autoritários. Eramos idealistas ao pensar que nosso simples querer era suficiente para alcançar a mudança. Eramos idealistas, mas o que propúnhamos estava certo: a democracia a partir do trabalho. E mais que isso, uma luta interna e externa contra as relações de poder (sempre negadas, mas sutilmente introduzidas), as hierarquias que separam, de antemão, as "mais experientes", "mais preparadas" das "menos experientes e preparadas". Neste momento, o desafio se mantém: como nos organizar, com uma divisão de trabalho justa e igualitária, sem uma prática impositiva e autoritária, coerente com nossa concepção de feminismo.

O Grupo Nós Mulheres hoje

O Grupo Nós Mulheres estrutura-se em torno de 3 subgrupos:

1 — Grupo de estudos, que pretende aprofundar as questões relativas ao feminismo e à condição de mulher.

2 — Grupos de base: tem o objetivo de prestar assessoria, a partir de solicitações de grupos de mulheres, tanto em comunidades de bairro, quanto em organizações profissionais e sindicais.

3 — Grupo de publicações: voltado para a divulgação de textos que discutam a questão da mulher, e a médio prazo, uma revista feminista.

Paralelamente, participamos da Coordenação dos Grupos de Mulheres de São Paulo, definida a partir desse congresso, do Movimento de Creches e do grupo de luta contra as modificações propostas pelo governo para a CLT.

Convidamos quem se interessar por nosso trabalho a nos encontrar em nosso endereço provisório, à rua Joaquim Eugênio de Lima, 686, sala 104, onde nos reunimos quinzenalmente às 3.as-feiras, às 21 horas.

Coletivo das mulheres do Rio de Janeiro

Assumir nossas vidas como sujeitos delas

Somos um grupo de aproximadamente cinquenta mulheres de gerações diferentes e vivências distintas, que em algum momento, em épocas diversas, procuramos o Centro da Mulher Brasileira, único espaço no Rio de Janeiro onde acreditávamos que poderíamos encontrar mulheres com uma perspectiva de luta feminista. Levávamos conosco inúmeros questionamentos sobre nossa condição, muitas dúvidas, algumas idéias, uma enorme necessidade de intercmbiar experiências e de realizar objetivos coletivamente, a partir do despertar da consciência da opressão específica que sofre o nosso sexo.

Não encontrando o que esperávamos decidimos deixar o CMB e procurar o nosso próprio caminho. Nessa decisão houve também a preocupação de multiplicar os espaços feministas no Rio. Estava na cabeça de cada uma de nos a idéia de criar grupos onde comportamentos autoritários e agressivos não se cristalizassem. Onde pudessemos nos relacionar de forma afetiva, com muita camaradagem, e discutíssemos a nossa vivência, a nossa sexualidade num clima de franqueza e de confiança mútua. Desse modo os grupos não teriam uma vinculação burocrática a um único espaço e nossas reuniões não reproduziriam modelos sociais vigentes de hierarquização e competitividade. A ligação dos vários grupos se faria de forma horizontal, sem subordinação a uma direção, com estruturas e formas de funcionamento criadas na própria vivência desses grupos, a partir das suas necessidades.

Com essas expectativas nos dividimos em comissões de trabalho e grupos de "auto-consciência", que consideramos de fundamental importância para o nosso desenvolvimento e através dos quais tornam-se viáveis nossas transformações mais profundas a nível emocional e ideológico. A prática desses grupos tem por objetivo ampliar o nível de consciência dos problemas feminis-

tas, mas de maneira não anequeada, com respeito à vulnerabilidade dos seus membros, o apoio sócio-emocional, a eliminação do criticismo e o real interesse em compartilhar os problemas umas com as outras.

A estrutura do Grupo

E nos grupos de "auto-consciência" que, através do rodízio de responsabilidades e de liderança, será possível desenvolver o potencial contido existente em todas as mulheres.

É também a partir desses grupos de "auto-consciência" que pretendemos ampliar o movimento, entrando em contato com mulheres ou grupos de mulheres já formados, no sentido de refletir com elas sobre os problemas da condição feminina, debatê-los, programar e realizar ações concretas.

Quanto à estrutura do movimento a partir da formação desses grupos, da sua ampliação e do desenvolvimento de diversas práticas e tipos de intervenção na realidade social, não temos receitas acabadas nem fórmulas prontas. cremos em nossa capacidade de, coletivamente e em função das necessidades que surgirem, criar novas formas e estruturas de funcionamento e de vinculação dos grupos. Nossa grande preocupação no momento é justamente a de não estabelecer modelos a priori.

A superação de nossos problemas individuais só poderá se efetivar se o próprio processo de construção do Movimento reproduzir as preocupações e os questionamentos já vividos por algumas de nós ao nível das relações interpessoais, nas células familiares, nos locais de trabalho, etc. E os avanços de um movimento construído sobre novas bases, resultado de nossa imaginação e elaboração coletivas, só nos fortalecerá individualmente e contribuirá para que sejamos seres mais integrados, mulheres mais capacitadas a assumir nossas vidas como sujeitos delas.

Associação das Mulheres (S.P.)

A luta feminista é válida para todas as mulheres

A Associação das Mulheres, criada em 1976 e até 1978 vinculada ao jornal *"Nós Mulheres"* tem-se caracterizado, em sua curta história, pela procura constante de alternativas concretas que contribuam para o fortalecimento do movimento de mulheres ao Brasil. Definindo-se como uma associação feminista, tem refletido sobre as questões centrais que se colocam a luta feminista no Brasil acreditando que essa luta é válida para todas as mulheres, já que todas sofrem algum tipo de opressão ou discriminação, embora com maior ou menor intensidade segundo a classe social a que pertençam. Procura então desenvolver práticas concretas que traduzam sua concepção de feminismo no ainda incipiente espaço de luta que tem sido conquistado pelos movimentos femininos e feministas. Entre os pontos fundamentais desta concepção, estão a certeza de que a consciência que as mulheres possam vir a ter de sua opressão deve transcender o âmbito individual, transformando-se em um movimento de massas para assim, e só assim, adquirir sentido: é a discussão de seus problemas específicos, em suas organizações específicas, levadas no conjunto das mulheres e ao conjunto da sociedade que dará condições para que essa luta seja assumida por todos, homens e mulheres.

Um movimento autônomo

A Associação concebe o movimento feminista como um movimento autônomo que não se coloca nem deve se colocar à parte dos movimentos gerais de luta por maior participação e transformação da sociedade, mas que, sem diluir-se neles, possibilita às mulheres a discussão de suas questões específicas, com formas de luta por elas definidas. Isso implica necessariamente na idéia de que a dupla militância das mulheres (atuação nos movimentos de mulheres e em partidos, sindicatos, associações, etc.) é possível e desejável para que as reivindicações que dizem respeito diretamente à mulher possam ser compreendidas e assumidas por todos.

Para a Associação não há contradição em sermos socialistas, democratas e feministas, as duas coisas estão ligadas em sua origem: a opressão feminina é uma das formas de opressão que caracteriza a sociedade dividida em classes e autoritárias, atingindo portanto também aos homens.

No momento que se vive hoje no Brasil, o movimento de mulheres como um todo deve expressar, segundo a Associação, uma unidade em torno de questões definidas como prioritárias a cada momento da luta, o que significa concretamente, um esforço conjunto dos diferentes

grupos, com concepções diversas de feminismo, que representam diferentes classes ou setores de classes sociais, para a definição dessas prioridades.

O que fazemos

A Associação tem lutado pelo fortalecimento da Coordenação de Grupos de Mulheres (criada a partir do I Congresso da Mulher Paulista em março deste ano). Da mesma forma tem participado do Movimento de Luta por Creches, editou dois Cadernos do movimento que contam a experiência do movimento feminista em outros países e sua relação com partidos e sindicatos ("O Movimento de Mulheres na Espanha", "As Mulheres e os Sindicatos") e lançará proximamente o Caderno n.º 3 contendo textos dos principais grupos feministas brasileiros, a respeito de suas concepções. Está preparando também, em conjunto com mulheres de outros grupos uma publicação sobre a história do movimento de mulheres no Brasil de 45 a 64, numa tentativa de recuperar o caráter e a importância desse movimento em nossa história recente.

A Associação redige também o boletim destinado à clientela do SOF (Serviço de Orientação da Família), constituída principalmente por mulheres de baixa renda, falando de frigidez, menopausa, nutrição, por ex., temas cuja seleção e abordagem são sempre fruto de discussão e trabalho conjunto com o SOF. Juntamente com a Associação das Donas de Casa (ADC) editou o caderno "A Nossa História", falando do trabalho doméstico, que resultou também de um processo de discussão conjunta. Todas essas publicações significam concretamente um esforço de discussão e trabalho conjunto com estes grupos (SOF e ADC).

Internamente, há grupos de estudo em funcionamento na Associação desenvolvendo discussões em torno de dois temas: sexualidade feminina e mulher e trabalho. São grupos que contam com a participação tanto de associadas como de mulheres independentes e/ou de outros grupos.

No momento a Associação se volta à análise da questão da mulher na nova CLT, tema de importância fundamental e que diz respeito a todas as mulheres trabalhadoras, sejam elas de que camadas sociais forem.

Há ainda diversas atividades sendo programadas tais como a projeção e debate de filmes sobre questões femininas as mais diversas, a organização de um arquivo de dados sobre a matéria, atividades abertas à participação de qualquer pessoa interessada.

Associação das Mulheres
Rua Artur de Azevedo, 2124-A



EM TEMPO!